



José Lourenço

Santa Maria

Recentemente, estive no Hospital de Sta. Maria para a atribuição do Prémio Sanofi-Aventis a um trabalho de investigação, na companhia do Director Médico, Dr. Carlos Santos.

Presentes: os concorrentes, o corpo científico e administrativo do Hospital.

Ficámos agradavelmente surpreendidos com a forma como fomos recebidos e apresentados. No final da cerimónia, o Dr. Adalberto Fernandes, presidente do Centro Hospitalar de Lisboa Norte, teve palavras de elogio para a nossa companhia, o meu Director Médico foi entrevistado e fotografado para a newsletter do Hospital, e quando já pensávamos que nos vínhamos embora, fomos convidados pelo presidente a visitar parte das obras em curso.

Convém referir que havia entre nós pontos de ligação profissionais e formais, por sermos pessoas com muitos anos de Indústria. Eles, médicos, o próprio Dr. Adalberto, ex-Director Médico de um laboratório farmacêutico, eu, conhecedor dos corredores de Sta. Maria, do Toxinas, etc., e tendo visitado nos anos 80 o Dr. Carlos Santos em Almada, de que viria a ser colega de Direcção na Sanofi-Aventis.

Da visita àquela casa que conhecíamos bem e nem sempre com boas opiniões ou por bons motivos, começámos por ficar surpreendidos como, em tão pouco tempo, aquele espaço (enorme) se tinha humanizado e transformado num local, onde se estava bem. Havia sítios que eram parte integrante do hospital, porque sabíamos estar ali. Se não, seria impossível saber.

Mais do que isso: o relacionamento dele com o pessoal

das obras, médicos, enfermeiros, pessoal auxiliar, etc., era efusivo, espontâneo e por isso via-se que era real e constante. Dificilmente o Dr. Adalberto Fernandes nos falaria com mais entusiasmo se estivéssemos a visitar a sua casa.

Louvável.

Um dia destes, em conversa com um médico em regime de exclusividade naquele hospital, fiquei actualizado sobre passos ali dados mais recentemente: desde a parte social à da gestão (duas faces da mesma moeda) - espaços de café, restauração, remodelação das partes comuns e espaços de estacionamento, dos blocos operatórios, a criação da farmácia, informatização geral, do fim das listas de espera, criação do controlo de assiduidade, do combate ao desperdício em todas as frentes. Dizia ele: *"O homem não pode ser normal, para fazer tanto em tão pouco tempo e atacando em todas as frentes"*.

Quando lá estivemos e fez de cicerone na visita que referi, lembro-me de nos ter mostrado os telefones públicos de onde tinham feito chamadas de ameaça à sua vida, na área da recepção do hospital, pouco depois da sua nomeação.

Não é preciso ser muito imaginativo para ter uma ideia do que, ao nível de formação do pessoal, é continuamente implementado.

Esta realidade faz-nos ter esperança num futuro melhor e no desaparecimento dos hospitais a que José Manuel dos Santos se referia no Expresso há umas semanas.

S. José, por exemplo. 